

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA CONCEDIDA PELO PRESIDENTE SAMORA À IMPRENSA INTERNACIONAL



Tempo (287)
4/4/76

CANADIAN BROADCAST CORPORATION —

1.º) Sua Excelência, já recebeu alguma compensação deste fecho da fronteira, e será que alguns governos já vos contactaram para vos darem compensação? 2.º) Depois da Reunião de Lusaka, vê alguma esperança da unificação da direcção do ANC, ou serão todos a favor da Luta Armada? 3.º) Há alguma esperança da unificação da direcção civil ou, haverá alguma irrelevância por causa da Luta Armada; conduzida pelo Comando Militar? 4.º) Queríamos a sua opinião, Excelência, sobre a declaração do sr. Callaghan no Parlamento britânico onde ofereceu e sugeriu quatro pontos, onde oferece possibilidades de eleições de 18 a 24 meses na Rodésia do Sul...

Presidente Samora: Muito obrigado. Primeiro, pensamos que é muito útil e produtivo a preocupação de todos os jornalistas. Os jornalistas representam a grande opinião pública do mundo e representam também as preocupações mais profundas da humanidade. Todos aqueles que querem conhecer a evolução da história, todos aqueles que querem conhecer o desenvolvimento da Sociedade, é através dos jornalistas. Se querem conhecer a justiça, se querem conhecer a injustiça, pensamos que cabe essa responsabilidade aos jornalistas de transmitir corretamente esse conhecimento.

O conflito que existe no mundo é bem interpretado pelos jornalistas. Conflitos entre a miséria e a opressão que é exercida por certas potências no nosso

planeta. Pensamos que os jornalistas saberão interpretar estes fenómenos todos. Fenómenos da transformação no mundo. Por isso achamos justo, achamos correcta a preocupação dos jornalistas, porque é a preocupação do nosso planeta, de todos os continentes, de toda a humanidade.

As preocupações do passado estavam na Ásia, particularmente no Sudoeste asiático, no Vietname durante umas três décadas. A partir dos anos 67 para cá as preocupações de todo o mundo estão no Médio Oriente. Década 60 para 1974, também no Continente africano, particularmente nas colónias portuguesas.

O que é que se procurava encontrar no Sudoeste Asiático? A paz, o progresso. E, foi estabelecida já a Paz. Uns apoiavam a justiça, outros apoiavam a injustiça. Mas a causa justa triunfou no Sudoeste Asiático. As ideias corretas venceram as ideias erradas. Não impediram a vontade do povo asiático, do povo do Vietname de triunfar, não destruíram a determinação dos povos de se libertarem.

Hoje, continua a falar-se do Médio Oriente. Colónias portuguesas já triunfaram, também o mundo estava dividido. Uns apoiavam o colonialismo, considerando o colonialismo o sistema mais civilizado que representava o Ocidente, que representava a civilização mais avançada, a civilização cristã. E, a Luta de Libertação em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique eram interpretadas como Lutas injustas. Mas, quando atingimos a Independência todos estamos unidos... muitas maneiras de ganhar a guerra, muitas maneiras de vencer a opressão. Violência justa contra violência injusta. E, hoje estamos a falar do Zimbabwe.

Analise o que é que se passa no Zimbabwe, o que é que há no Zimbabwe?

Existe opressão, existe repressão. E existe discriminação racial. Existe dominação da minoria contra a maioria. Existe humilhação. Existe assassinatos. Existe o banditismo, existe o Governo racista e ilegal. Existe o fascismo. E parece que todos nós estamos contra esses males. O nosso dever parece que é apoiar a Luta do Povo para se libertar.

Mas ainda há dúvidas em alguns. Em alguns países é interpretada a Luta do povo de Zimbabwe como uma Luta contra o branco, em tanto que tal. Eu penso que é desta maneira que nós situariamos a nossa discussão, porque a opressão para alguns representa a civilização avançada. Porque a exploração que existe no Zimbabwe, para alguns é justa, é necessário que haja exploração para eles. A dominação de minoria em relação à maioria para alguns é justa, é correcto. «Deus criou o mundo desta maneira: pobres e ricos». Portanto o que tem, talvez, alguns acham que a situação no Zimbabwe é imutável porque é justa e a opressão deve ser eterna. Primeiro perguntariamos aqui a todos nós, que representamos os nossos povos dos nossos países, representamos a opinião internacional, se estamos no acordo com a Luta do Povo de Zimbabwe pela sua Liberdade, pela sua Independência, ou não?

Situariamos a questão desta maneira, pensamos que se respondermos, diríamos o que é que devemos fazer para que o Povo do Zimbabwe alcance a sua Independência. O que é que dizem os jornalistas, apoiam a Luta, apoiam a Liberdade, condenam a minoria?

Não podem responder os jornalistas(?)....

Portanto, a primeira pergunta é se temos espe-

rança na nossa Cimeira de Lusaka de unir a Direcção em Zimbabwe, as facções que existem no Zimbabwe.

Nós temos esperança e temos certeza de que o Povo do Zimbabwe.... primeiro queria corrigir: não é o Povo que está dividido, não é o Povo que está dividido. O Povo de Zimbabwe está unido, está unido contra o inimigo comum — Ian Smith. Algumas opiniões dizem isso, que o Povo de Zimbabwe está dividido. A existência da Luta Armada no Zimbabwe vai permitir a unificação da direcção do Zimbabwe. Trata-se essencialmente de duas organizações importantes que é a ZANU e ZAPU.

Se os combatentes, os soldados, foram capazes de ultrapassar qualquer obstáculo, será mais fácil ao nível da direcção unirem-se. A Luta armada é o purificador das ideias erradas, das ideias corretas. É o melhor seleccionador.

Sem uma Unidade não pode haver uma Luta Armada. Por isso, nós pensamos que as duas facções do ANC vão-se unir. Porque se não se unirem serão ultrapassadas essas duas facções, porque os combatentes são apoiados pelo Povo de Zimbabwe, e a Luta que existe no Zimbabwe é uma Luta generalizada em toda a parte. Uma Luta não contra o branco, uma Luta não contra os civis, não contra as crianças. Uma Luta contra as forças de opressão. É o que encontra o regime ilegal de Ian Smith.

Pensamos que será fácil a unificação das duas facções.

A segunda pergunta, se já recebemos ajuda em relação às sanções aplicadas. Diríamos: O Conselho de Segurança da ONU reuniu-se e apoiou as sanções, apoiou as medidas tomadas pela RPM. A Comunidade Britânica enviou os seus representantes para ver de perto as necessidades imediatas e a longo termo da República Popular de Moçambique. A Comunidade Económica Europeia (CEE) enviou os seus representantes para investigar de perto e ver quais são as necessidades da RPM que resultam das sanções aplicadas contra a Rodésia. Diríamos: uma corrente de solidariedade internacional está sendo dada à RPM. Pensamos que esses países bilateralmente também contactam a RPM: países capitalistas, países socialistas contactam a RPM, assim como as organizações democráticas de massas de todo o mundo contactam a RPM. Por isso, pensamos que é bastante positivo só o facto da comunidade internacional pronunciar-se a favor, ou contra as medidas tomadas pela RPM. Já é um apoio positivo....

O facto de a Comunidade Internacional condenar vigorosamente o regime ilegal de Ian Smith já é uma grande contribuição para a RPM e para o Povo de Zimbabwe.

A terceira (pergunta): Discurso do sr. Callaghan.

Discurso do sr. Callaghan, a declaração contra o Smith... deve ser analisada. Fala de transferência de poderes para a maioria. Primeiro faço uma pergunta também: Quem transfere os poderes, quem transfere os poderes e para quem transfere?

Ian Smith transfere os poderes para a Inglaterra? Ou Ian Smith transfere os poderes para Zimbabwe? Ou então: Se é o Ian Smith que transfere, e deve transferir os poderes para a maioria, pensamos que o período é muito longo. Ian Smith quando declarou em 1965, em Novembro, a Independência Unilateral não precisou do período de transição. No entanto o

seu governo com o isolamento em que se encontra o regime de Ian Smith, apesar do isolamento, conseguiu sobreviver onze anos. E penso que ele não tinha gente habilitada para o governo, não existe escola para governação....

Se é o Ian Smith que deve transferir os poderes, pensamos que a transferência deve ser imediata. Se a Inglaterra pretende recuperar de novo, recuperar a Rodésia como sua Colónia para negociar com os nacionalistas então tem outro aspecto.

Primeiro tem que apoiar. A Inglaterra tem que apoiar a Luta, acelerar a queda do regime ilegal. Então a Inglaterra deve negociar com os nacionalistas do Zimbabwe e encontrará a forma e o período de transição com os nacionalistas de Zimbabwe. A nossa experiência sobre o que é o governo de transição pensamos que é impossível o Ian Smith com os nacionalistas no governo de transição. É impossível. O período de transição é um período crucial. Um período muito difícil. Com a nossa experiência de Moçambique, aí não estamos a falar dos Zimbabwes nem dos ingleses, se fosse com o Povo moçambicano, nós proporíamos que a Inglaterra recupere a colónia e imediatamente negocie com os nacionalistas. Isto se é a Inglaterra que transmite. Se é o Ian Smith tem de ser imediatamente. Se é com a Inglaterra, se nós fossemos os Zimbabwanos diríamos o período de transição: mínimo 8 meses, máximo 12 meses.

Portanto a pergunta que prevalece aqui, é quem transfere os poderes?

Esse período de transição proposto de 24 meses.... Quem está a transferir o Poder e para quem? Parece que está satisfeita a sua pergunta.

TASS: A minha primeira pergunta já está respondida. A segunda é: Qual é a perspectiva do fecho da fronteira da Rodésia por parte do Botswana? A terceira pergunta: O que é que pode dizer camarada Presidente do desenvolvimento das relações entre Moçambique e os países socialistas?

Presidente Samora: Primeiro o Botswana é um Estado soberano, não é? É um Estado soberano independente de tomar as suas decisões. Portanto, não posso desenvolver esse ponto. Não posso falar de um Estado soberano estando num Estado soberano.

Vou responder à segunda pergunta. As nossas relações, não são relações novas com os países socialistas. Primeiro, as nossas relações são de igualdade.

Produzimos para vestir e alimentar o nosso povo, produzimos para vestir e alimentar os combatentes que defendem as nossas fronteiras. Produzimos para alimentar e vestir os nossos irmãos guerrilheiros do Zimbabwe. Apoiaremos materialmente reduzindo as nossas importações....

As nossas relações são de igualdade e de não interferência nos assuntos internos de cada país. Nós na zona sub-desenvolvida, pertencemos ao terceiro mundo. Portanto, o desenvolvimento industrial, o desenvolvimento económico, temos muita esperança nos países socialistas. O nosso dever de transformar a sociedade em Moçambique, temos confiança nos países socialistas porque os países socialistas constituem para nós fonte de inspiração. O seu desenvolvimento começou de zero. E, sobretudo é um sistema das largas massas, das camadas menos privilegiadas e encontramos-nos neste momento nessa situação em Moçambique.

E, em que é que consiste, o seu sistema está baseado na luta permanente contra a exploração do

homem pelo homem. Por isso dizemos, constituem os países socialistas zona libertada da humanidade, fonte de inspiração para o nosso desenvolvimento. As nossas relações com os países socialistas, todos os socialistas, são excelentes. Parece-me que está respondido.

REUTER (Agência de informação inglesa): A minha primeira pergunta é qual o resultado da Cimeira de Lusaka. Outra: Qual é a situação económica actual de Moçambique, particularmente com referência ao fecho da fronteira com a Rodésia? A terceira pergunta é: Há bichas de comida no Maputo. Será que isso é uma coisa limitada ao Maputo ou é generalizado ao país inteiro. Por outro lado: Há encorajamento ou está a forçar-se as pessoas a irem para o campo? Por último, gostaríamos de saber os efeitos económicos da partida de grande número de portugueses e se está o Governo a fazer alguma coisa para os substituir com operários qualificados de outros países?

Presidente Samora: Muito bem REUTER, muito bem REUTER.

Primeira pergunta: resultados do nosso encontro em Lusaka. Muito positivo, o nosso encontro foi bastante positivo. Estabelecemos estratégia comum para a fase actual, que visa acelerar a queda de Ian Smith, de apoiar totalmente a Luta Armada do Zimbabwe. Somos unânimes nesses dois pontos!

Terceiro, analisamos as resoluções do mundo e da Comunidade Internacional em relação às sanções contra Ian Smith. Encontramos que a Comunidade Internacional reage positivamente e isola cada vez mais o regime de Ian Smith.

Analisamos a Comunidade Britânica e encontramos que a Comunidade Britânica está ao lado de nós contra Ian Smith, incluindo alguns conservadores ingleses. É a primeira vez na história. Desta vez encontramos, que o seu cavalo branco em África já não serve nem para ser montado.

Encontramos que o seu representante Ian Smith racista, é irresponsável. Analisamos e encontramos que Ian Smith encontra-se num estado de agonia, de desespero, quer destruir tudo quanto a Inglaterra construiu na Rodésia. Encontramos que o Ian Smith quer dar a impressão de que todos os brancos o apoiam na Rodésia na sua loucura, na sua tortura. Mas, encontramos que uma grande parte dos brancos da Rodésia não apoiam Ian Smith. E, pensamos que Ian Smith podia encontrar uma saída elegante, ainda vai a tempo de encontrar uma solução.

Quatro: Que a ruptura das conversações entre Ian Smith e Joshua Nkomo provaram ao mundo de que Ian Smith é louco. A Inglaterra devia tomar medidas urgentes em relação a Ian Smith, ou interná-lo no manicómio para evitar maiores prejuízos na Rodésia. Encontramos, e somos unânimes aí também que somos favoráveis à Luta Popular prolongada.

E, porque é que somos favoráveis à guerra prolongada?

Os pretos na Rodésia têm complexos de inferioridade inculcados pelos racistas rodesianos. Em segundo lugar, encontramos que os brancos da Rodésia têm complexos de superioridade em relação ao negro. Portanto, uma guerra Popular vai libertar as largas massas, do Zimbabwe desses complexos de inferioridade. Doutra lado, em relação às massas, vai libertar a energia criadora, a iniciativa criadora para confiar nas suas forças. Terceiro, vai permitir a criação das

zonas libertadas, em que as zonas libertadas é uma zona de experiência, vai habilitar os negros para a administração do país. Aí, criarão um sentido popular, sentido económico popular nas zonas libertadas, Vão aprender a viver colectivamente e estabelecerão uma ruptura com o sistema podre e decadente da Rodésia. Isto em relação aos negros.

Em relação aos brancos. Estão fechados aqueles brancos da Rodésia, são especiais aqueles brancos da Rodésia. Só conhecem a palma da mão deles, só existe Rodésia para eles. A história não está em evolução para eles, não há desenvolvimento histórico para eles. Aqueles, só conhecem a palma da mão, o Continente africano é a Rodésia para eles. Vivem em África, mas não são africanos. Por isso a guerra vai ajudá-los também. Vai descolonizá-los mentalmente, vai destruir o mito de superioridade sobre os negros. Vão se descobrir (não redescobrir), vão-se descobrir porque eles são iguais. Os homens todós são iguais.

Por isso, a guerra vai ajudar. Somos unânimes também aí. A guerra vai dar uma consciência revolucionária ao povo de Zimbabwe, e por outro lado desenvolverem-se para que haja Unidade Nacional em Zimbabwe entre os homens de todas as raças e de todas as cores. Aí somos unânimes também.

Segunda pergunta: Situação económica em Moçambique depois das sanções.

Eu gostaria que pusesse assim: Situação económica de Moçambique sem relacionar com as sanções.

Há uma situação de crise, crise económica. Essa crise não começou no dia 25 de Junho de 1975, com a proclamação da Independência. Não é a liberdade,

a Independência que trouxe a crise económica. O colonialismo português caiu exactamente porque estava em crise económica. O que sustentava o colonialismo português durante muitos anos era precisamente a situação económica. Quando a situação económica era catastrófica em Moçambique também ficou derrubado o colonialismo português.

Portanto, o que está em crise em Moçambique é a situação colonial-capitalista. Esta é a crise em Moçambique.

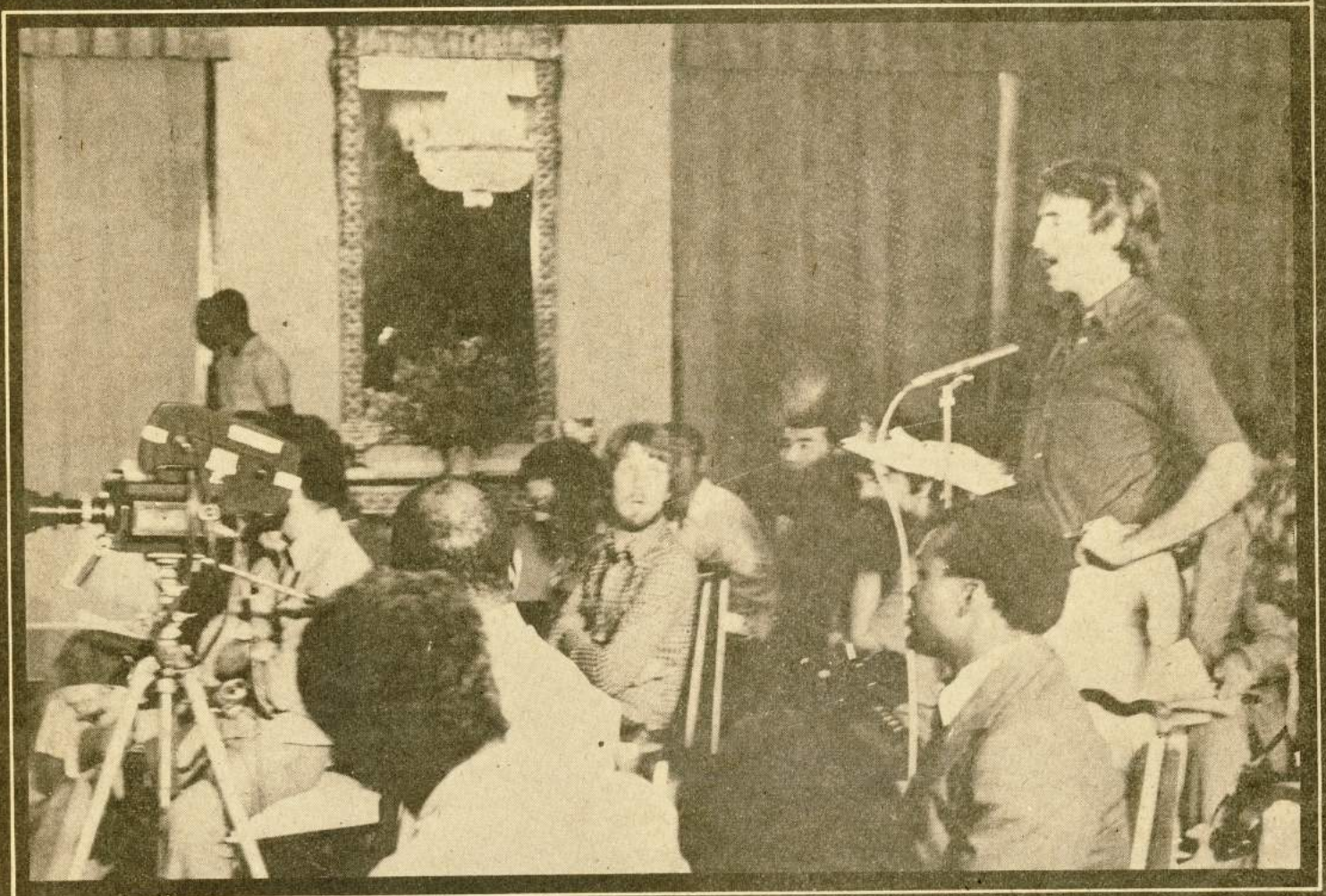
Se a REUTER me perguntasse o que é que vocês fazem para gerir essa crise colonial capitalista, eu responderia: **NÓS SOMOS INCOMPETENTES DE GERIR O CAPITALISMO EM MOÇAMBIQUE, NÃO TEMOS QUALIFICAÇÕES PARA GERIR O CAPITALISMO EM MOÇAMBIQUE:** Aí reconhecemos, não temos qualidades. Não temos capacidade, não temos qualificações.

Agora se dissesse, «O QUE É QUE FAZEM PARA RESTAURAR A ECONOMIA LIVRE DO COLONIAL-CAPITALISMO?»... Aí, responderíamos... mas como não perguntou, não vou responder...

Se existe uma política de encorajar as populações a abandonar as cidades? E se pusesse a pergunta ao contrário: «SE EXISTE UMA POLÍTICA DE ENCORAJAR AS POPULAÇÕES A CONSTRUIR AS CIDADES», eu responderia. Abandonam as cidades para onde?

Para ir construir novas cidades! Não é verdade?!

A cidade existe onde há desenvolvimento económico. Onde existe facilidades produtivas, ali está a cidade. A cidade nasce do campo, não é a cidade que nasce da



cidade. Por isso, existe uma política no sentido de encorajar as populações a construir mais cidades em Moçambique. Parece que é esta a nossa política. Construir mais cidades em Moçambique, porque a cidade é onde há electricidade, há a fábrica, indústrias. Por isso, estamos a promover para indústrias, fábricas, actividades agrícolas, e aí haverá cidade.

Agora as bichas para a alimentação.

Pois as bichas significam a Liberdade. Já pode formar bichas em toda a cidade. Já saem para formar bichas. Morriam nas palhotas, não havia esta liberdade aqui na cidade para formar bichas e comprar comida. Esta é a nossa resposta: **SIGNIFICA QUE HÁ LIBERDADE PARA VIVER NA CIDADE O POVO MOÇAMBICANO:** A população vai à cidade fazer as suas compras.

Havia mercados especiais. Supermercados só para algumas camadas sociais, mas hoje todos os supermercados são para todas as camadas sociais. É por isso que há bichas aqui em Moçambique.

Precisamente porque todos já comem o pão, formam bichas para comprar o pão. Formam bichas precisamente para comprar o pão, não é por escassez. Em Maputo, no momento colonial, não podiam formar bichas dentro da cidade.

Mas quem são os que fazem essas perguntas sempre?

Não é a REUTER. é o mundo. E qual é esse mun-

do, é o mundo que sempre apoiou o colonialismo português. Por isso, hoje quando cai o colonialismo português em Moçambique esse mundo diz que toda a gente está a sair de Moçambique. Quando saem 200 mil portugueses, o Povo moçambicano está a sair? Os dez milhões fogem? O Ocidente está alarmado, «toda a gente sai» Qual gente? Gente colonialista, caiu o colonialismo, é por isso que vão todos! Estão habituados a viver no colonialismo, não na liberdade.

Por isso, esses que propagam essa propaganda, essa política que aqui em Moçambique toda a gente foge, são aqueles que durante a guerra de libertação Nacional estiveram ao lado do colonialismo português e nunca estiveram ao lado do Povo moçambicano. São aqueles que sempre disseram que a nossa Luta era movida por interesses alheios. Diziam que era a China, era a União Soviética, eram os países comunistas que moviam a vontade do Povo moçambicano, que era para servir os interesses alheios. São os mesmos que hoje insultam Moçambique.

Isso, respondo eu já: **O RACISMO.** O racismo do branco em relação ao negro. O racismo muda também de interpretação muitas das vezes. Quando eu era miúdo ia sempre à igreja. Mas os padres brancos, europeus, diziam-me, «o que é que tu vais fazer aí à igreja? Tu és negro. Tu podes ir para lá, mas o Deus não é preto, Deus é branco. Já viste alguma vez um santo preto? Já viste alguma vez um preto



depois da morte ir para o céu? Diziam-me isso quando eu era miúdo. Hoje já sou adulto, estou em contacto com a Revolução e dizem: «Ah, o Chissano é um Marxista-Leninista». Os brancos reagem imediatamente: «Mas ele é negro, não pode ser marxista-leninista». O marxismo-leninismo é superstição ou uma ciência?!

Nós pensamos que toda as raças estão em condições de dominar a ciência. Por isso vocês dizem «o preto não é capaz de dominar o ciência». O preto, é o racismo. O Ocidente especialmente diz isso, o Ocidente, «os civilizados».

É por isso que perguntam as «bichas, agora... Os selvagens estão a invadir a cidade, os selvagens». Precisamente porque os «selvagens» já estão livres, não estão na palhota, não estão isolados, vêm à cidade também. Por isso, em toda a parte, em toda a parte está organizado o Povo. Não há distúrbios.

«Qual é o efeito económico da saída de um grande número de técnicos portugueses? Olha esta pergunta... Está respondida não está? Eu penso que sim. Saem os portugueses que eram colonialistas. Todos aqueles portugueses que eram colonialistas saem de Moçambique porque eles não podem viver em liberdade, não estão habituados. Estão habituados a viver colonizando. Estão habituados a viver diferenciando-se dos outros, não podem ser iguais aos outros porque... está relacionado. «Há muitas prisões em Moçambique, há muitas prisões».

Quando nós prendemos moçambicanos pretos, quinientos moçambicanos, e prendermos três portugueses todo o Ocidente vai reagir. «Oh, que é isto? Os pretos também já prendem os brancos?»... Como é, não é reacção?

Aqui havia prisões, Machava — degolamentos diariamente. O Ocidente nunca reagiu. Era a civilização. Civilização... matar, civilização. Na ilha de Ibo, em todo o nosso país, prisões e campos de concentração, mas não havia reacção no mundo. «São selvagens, são selvagens». Massacres no nosso país, não houve reacção. Mas hoje quando prendemos três portugueses: «Olha, o que é isto, prisões em Moçambique». RACISMO, isso é racismo! Está relacionado com essa sua pergunta.

Agora, nós substituímos os técnicos portugueses com os homens de todas as nacionalidades, de todas as raças, de todos os países. Vêm a Moçambique trabalhar. Estão a substituir os portugueses. Não se sentem bem aqueles que saem porque são colonialistas. Opressão e liberdade — não há coexistência.

Agora os números sobre este «fenómeno». Qual fenómeno? Da saída dos portugueses colonialistas? A Imigração vai dar quantos saíram e porque é que saem. Mas são colonialistas! O Consulado Português pode dar melhor os números. Como é que a República Popular de Moçambique resolveria os problemas relacionados com a saída dos técnicos!... qual fuga dos técnicos? São colonialistas! Obrigado BEUTER.

ASAHI SHIMBUN (jornal do Japão): Boa tarde camarada Presidente. Tenho duas perguntas. Na Cimeira de Lusaka chegaram a encontrar a fórmula para unir as facções do ANC, agradecemos que nos elucide sobre isso.

Presidente Samora: Já respondemos a essa pergunta. A Luta Armada é o agente unificador, porque a Luta Armada define correctamente o inimigo, define correctamente a estratégia, define correctamente

os alvos. Por isso há facilidade de unificar todas as forças. Essa é a fórmula: LUTA ARMADA!

ASAHI SHIMBUN: As conversações do sr. N'Komo com Smith falharam. Haverá agora uma chance de persuadi-lo de começar a Luta Armada?

Presidente Samora: Joshu N'Komo falhou porque tinha de falhar. Estava a falar com um surdo e cego. Estava a negociar com um bossal. Utilizavam linguagens diferentes, compreensões diferentes para objectivos diferentes. Por isso falhou e tinha de falhar. N'Komo disse que se falhassem as conversações intensificaria a Luta Armada. Portanto, parece que já é o momento de o fazer. Ele não pode lutar sozinho, tem de se juntar aos outros porque não é um Dom Quixote.

ASAHI SUIMBUN: Depois da Independência a FRELIMO está a tentar mudar a ordem dos valores e estabelecer uma filosofia nova. Por exemplo, o Trabalho aparece como o valor mais importante. Acha que estas mudanças estão realmente a ter sucesso?

Presidente Samora: Parece que você já respondeu. Quando falou do trabalho, já respondeu. É o trabalho que fabrica o homem. O homem é o produto do trabalho. É no trabalho que alcançamos sucesso, não trabalho isolado. Por isso, nós temos a certeza absoluta. Nós somos produto do trabalho de dez anos. A nossa Independência é o resultado do trabalho de dez anos. Esta descoberta da nossa personalidade é o resultado de dez anos. Por isso, nós transformamos profundamente a sociedade em Moçambique. Não há mistério quando se trata de trabalho. Temos objectivos claros que nós queremos atingir. Temos a nossa linha correcta para atingir esses objectivos. Temos um povo realizador e que é fonte de inspiração para a nossa acção. E, os nossos objectivos são objectivos populares, por isso temos certeza de vitória.

NOVA CHINA (Agência de Informação): As nossas perguntas encontram-se respondidas. Não temos mais questões a pôr.

ADN (Agência de Informação da RDA): Camarada Presidente como calcula os êxitos que foram alcançados até agora pela Revolução para dar um apoio total aos combatentes do Povo de Zimbabwe? E, a minha segunda pergunta: Qual é a ajuda que prestará a Tanzania, Botswana e Zambia agora depois da Cimeira em Lusaka?

Presidente Samora: Se já é possível avaliar, fazer o balanço? Através do apoio que Moçambique dá aos combatentes de Zimbabwe foi possível desencadear a Luta Armada. Segundo, a assistência que o Povo de Moçambique continua a dar aos combatentes de Zimbabwe é positiva. Três, a abertura de muitos campos de produção, campos agrícolas e apoio à Luta de Zimbabwe, solidariedade para com o Povo de Zimbabwe. Este é o resultado da consciência que tem o Povo de Moçambique de que a Luta de Libertação de Zimbabwe é a nossa Luta. A construção de abrigos em todo o nosso território é o resultado da consciência de que o Ian Smith é irresponsável. Ian Smith é nosso inimigo e é inimigo de Zimbabwe. Por isso podemos já fazer o balanço: em última análise, o nosso Povo está consciente de que a Luta em Zimbabwe será uma Luta popular, será uma guerra prolongada.

Por isso, o apoio que o Povo de Moçambique dá à Luta de Zimbabwe, a assistência que dá aos combatentes de Zimbabwe não é assistência emocional.

não um apoio emocional. É um apoio consciente de que a Luta de Zimbabwe faz parte integrante da Luta do Povo de Moçambique, e só lutando em Zimbabwe consolidamos a nossa Independência. O nosso Povo está consciente que a Luta em Zimbabwe resulta da exploração e opressão, por isso o nosso Povo apoia e continuará a dar o apoio ao Povo de Zimbabwe pela sua libertação total.

O desenvolvimento da Luta em Zimbabwe é o resultado do apoio da Tanzânia, o apoio de Botswana, o apoio da Zâmbia, porque... não há que esperar já estão engajados esses países para a Luta de Libertação de Zimbabwe. É uma continuação da sua tarefa histórica, da contribuição que deram à Luta de Moçambique; que deram à Luta de Angola, que deram à Luta da Guiné. Por isso, não se trata de esperar, já está.

TELEVISÃO HOLANDESA: Senhor Presidente, o que pensa do desenvolvimento das relações entre a Holanda e Moçambique, especialmente na questão da ajuda técnica da Holanda em relação aos técnicos?

Presidente Samora: Em Holanda existe uma fundação chamada Eduardo Mondlane. Em Holanda durante a Luta de Libertação criou-se um comité chamado Angola Comité. Durante a guerra colonial a Holanda levantou questões no seio da OTAN. Por isso o apoio que dá para a reconstrução em Moçambique nós apreciamos e pensamos que nós desenvolveremos esta cooperação com o vosso país. Parece-me que é esta a resposta.

TVEWS (Los Angeles, América): Camarada Presidente qual é a atitude de Moçambique para com Portugal, e se houvesse uma mudança de governo em Portugal qual seria a atitude de Moçambique?

Presidente Samora: Correcto, correcto... Esta pergunta é de 1965 quando o Salazar estava vivo!

Quando o Salazar estava vivo dizia-se: «o que é que a FRELIMO espera em caso de o Salazar ser derrubado?». E, o Salazar caiu em 1968. Entrou o Marcelo Caetano, e disseram que o Marcelo Caetano modificaria a situação em Portugal, e portanto teria reflexo nas colónias portuguesas. Nós dissemos — a situação em Portugal será mudada pela Luta das colónias portuguesas. E, isto tem um cheiro racista também: «não podem ser pretos a mudar a situação da Europa. Deixem a Europa a modificar a situação em África». Mas nós invertemos a História. Aí, invertemos a história!

E, ainda não estão convencidos de que foram as colónias que libertaram Portugal. O Ocidente continua a não estar convencido. Mas nós é que mudamos a situação em Portugal. A consciência que tomaram os oficiais no seio das forças armadas, é uma consciência ganha ao longo das guerras coloniais. A Universidade e a Academia Militar foram as florestas africanas.

Nós esperamos um desenvolvimento económico em Moçambique sem ter nada a haver com Portugal. O desenvolvimento em Moçambique está independente do desenvolvimento em Portugal. Agora Moçambique é um Estado Independente, Portugal é um Estado soberano. A partir de 25 de Junho de 1975 Moçambique é um Estado soberano, por isso não temos nada que esperar que Portugal modifique o seu governo, modifique a sua situação para melhorar a situação em Moçambique. Não!

Se eu pusesse assim: O que é que Portugal espera

se o governo britânico for mudado? É relação de igual para igual! São dois países com identidades diferentes! Portanto, nós pensamos que a mudança do governo português só diz respeito ao Povo de Portugal. Quem sabe apreciar melhor o governo que lhes convém é só o Povo português. Nós temos a política de não ingerência nos assuntos internos de cada Estado!

Esta, é a base das nossas relações com Portugal: respeito mútuo e igualdade e não ingerência nos assuntos internos. E, cada Estado tem o seu direito de tomar as medidas que lhes convém. É isto.

T.V. INDEPENDENTE (Inglaterra): Uma das grandes preocupações do Ocidente é que na situação da Rodésia os russos se aproveitem para trazer os seus conselheiros e tropas cubanas?....

Presidente Samora: Porque é que não americanos?!

Porque é que não de ser os russos a aproveitar-se da situação e não os americanos? E porque é que não ingleses? Parecem que os mais mercenários na nossa época são os ingleses(?)! Grande recrutamento, nós temos ouvido, sobretudo para Angola e para Zimbabwe. São mercenários os ingleses britânicos... Porque é que não me fala desses mercenários?!

E porque é que têm medo dos russos e cubanos?

T.V. — Deixe-me responder às suas perguntas. Primeiro, o exército britânico não tem capacidade de ajudar e depois também....

Presidente Samora: Mas têm possibilidade de serem mercenários... têm muita capacidade....

T.V. —....em segundo lugar os americanos não são marxistas e vocês são e em terceiro lugar, os russos já mostraram as suas intenções na África Austral..

P. S. — E os americanos ainda não mostraram?

As bases americanas de Diego Garcia. Os franceses na ilha Mayotte, ainda não mostraram? Só os russos?!

T.V. — Eu pergunto, é se os russos vão entrar. Se os americanos vão entrar é outra pergunta.

P. S. — É perguntar aos russos. Pergunte aos russos se os russos querem ou não querem vir. Pergunte aos russos. Eu não respondo por eles.

T.V. — Eu estou a pedir para responder a uma preocupação Ocidental que os russos poderiam vir. Será que é possível declarar categoricamente que não deixará os russos e aos cubanos aterrar nos portos?

P. S. — Permitir aonde? Eu sou independente aqui.

Estamos a falar de Zimbabwe, não é? Se eles querem intervir no Zimbabwe? Esta não é uma pergunta feita aos zimbabwanos, e isso cabe aos zimbabwanos.

Cada Povo é independente de escolher os seus amigos!

Cada Povo é independente de escolher os seus aliados!

Cada Povo é independente de escolher o seu sistema de desenvolvimento!

Cada país é independente de escolher as prioridades!

Cada país é independente de formar o exército que quiser!

T.V. — Senhor Presidente, se os zimbabwes quisessem ajuda de Cuba teriam de utilizar os seus portos....

P. S. — É esperar que peçam os russos e os



cubanos. Depois havemos de fazer a pergunta. Ainda não fizeram o pedido. Eu nunca pensei. E deixar os cubanos e os russos pedir depois hão-de fazer a pergunta.

T.V. — Ah, então a resposta é que ainda não decidiu se podem aterrar nos aeroportos.

P. S. — Não. Ainda não fizeram o pedido. Depois é que vamos decidir, mas ainda não pediram.

T.V. — Com todo o respeito. «SE» eles pedissem, qual é que seria a sua resposta?

P. S. — «SE», «SE»..., mas ainda não pediram.

Vejamos a prática. Primeiro, durante a Luta de Libertação de Moçambique nós pedimos ajuda e ajudaram. Ajudaram-nos os russos. Deram-nos armamento, deram todo o tipo de equipamento e nós utilizamos, e nós utilizamos bem em Moçambique. Com essas armas derrubamos o colonialismo português. Hoje estamos aqui a conversar à custa dessas armas!

T.V. — Então podemos ver as implicações dessa resposta, podemos ler nas entrelinhas?

P. S. — Não, não é. Falo de Moçambique, falo de Moçambique.

Já dei a resposta. Deixe os russos e os cubanos fazer pedido depois venha perguntar. Agora devia perguntar aos zimbabweses se precisam de russos e cubanos, ou não? Aí, de novo o racismo!

«Os pretos não podem vencer a guerra sem a participação dos brancos». Aí está de novo o racismo. Mas eu quero dizer que nós derrubamos os brancos aqui em Moçambique. Guiné derrotou também, 12 anos. Angola, 13 anos, derrotaram o colonialismo português. Os sul-africanos queriam substituir os portugueses e então foram a carne do canhão. Foram humilhados.

T.V. — Disse-nos agora que utilizou durante 10 anos armas russas e que sem essas armas, hoje nós

não estaríamos aqui a assistir a esta conferência. Talvez seja que os zimbabweses também precisem de armas russas para derrotarem os rodesianos?

P. S. — A Inglaterra está pronta a dar armas aos zimbabwanos?!

T.V. — Eu não sou Primeiro Ministro.... (Camarada Presidente e todos quantos estavam na sala se riram). Uma última pergunta: foi a Cimeira de Lusaka um Conselho de guerra?

P. S. — Não! Não foi um Conselho de guerra. O Conselho de guerra está aonde? O nosso encontro, o objectivo essencial dos nossos encontros, e a reunião de ontem... seria bom que perguntasse dos outros encontros. Antes da queda colonialista já havia estes encontros. E porque é que o encontro de ontem havia de ser um Conselho de guerra?

T.V. — Eu não sei. Estou a perguntar se era.

P. S. — Este encontro começa ontem? A primeira resposta é que não é um conselho de guerra. É que este é um encontro histórico sempre, de muitos anos. Sem ou com a situação de Zimbabwe nós continuaremos a ter estes nossos encontros. Não é por causa do Zimbabwe.

Eu quando era combatente já participava neste encontro. O Conselho de guerra só pode ser formado pelos zimbabwanos. Só, mais ninguém. Só zimbabwanos podem formar. Podem e devem formar um conselho de guerra.

T.V. — Eu pensei que o encontro significasse um Conselho de guerra para traçarem a estratégia comum.

P. S. — Não, não. Apoiar a decisão de Inglaterra que apoia também as sanções. Está dentro das declarações do Callaghan e da Comunidade Britânica, as Nações Unidas!

Obrigado. Muito obrigado a todos.